



**USO(S) DE CONECTORES:  
UMA ABORDAGEM FUNCIONAL-DISCURSIVA  
USE OF CONNECTORS:  
A FUNCTIONAL-DISCURSIVE APPROACH**

*Violeta Virgínia Rodrigues<sup>1</sup>*

**Resumo**

Neste artigo, adotando a proposta funcionalista, parto da premissa de que as orações subordinadas adverbiais são casos de hipotaxe e não de subordinação. Considero, ainda, que tais estruturas são introduzidas por conectores. Abordarei apenas as hipotáticas comparativas, condicionais, concessivas, modais, consecutivas, finais e alguns de seus introdutores. Justifico tal opção por terem sido estas estruturas objeto de pesquisa de trabalhos desenvolvidos por mim, ou de que participei ou, ainda, que orientei no mestrado ou doutorado, cujos resultados me permitem traçar um panorama acerca do quadro de conectores mais prototípicos em uso no Português em cada uma delas. Por isso, os *corpora* são assistemáticos bem como o tratamento dos dados em que me pauto. Minha hipótese é a de que os conectores mais frequentes são os mais prototípicos, conforme já postulou Taylor (1992), e de que as inovações de uso atendem às necessidades informativas/interacionais do falante/escrevente. Os resultados demonstram que as inovações de uso constituem, na verdade, empregos de conectores já existentes na língua e que estão se comportando de forma diferente no cotexto e contexto em que se manifestam (cf. DAHLET, 2006), ratificando a influência da gramaticalização na formação e explicação/compreensão do quadro dos conectores do Português e sua polifuncionalidade (cf. CALLOU *et alii*, 1996; BARRETO, 1999; RODRIGUES, 1999).

**Palavras-chave:** Hipotaxe adverbial; Conectores; Prototipia; Frequência.

---

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [violetarodrigues@uol.com.br](mailto:violetarodrigues@uol.com.br).

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

## Abstract

In this study, based on the functionalist proposal, I consider that adverbial subordinate clauses are not cases of subordination, but they are cases of hypotaxis. Moreover, I consider that such structures are introduced by connectors. I will focus only on comparison, condition, contrast, manner, result and purpose clauses along with some of their introducing elements. This option maybe justified by the fact that such structures have been analyzed on studies accomplished by me or in which I participated or which I supervised. The results of these studies allow me to trace an overview of the most prototypical connectors in Brazilian Portuguese use. Thus, the *corpora* considered on the present analysis are asymmetric and so is the treatment of the data used. My hypothesis is that the most frequent connectors are also the most prototypical ones, as postulated by Taylor (1992). Besides, use innovations accomplish informational or interaction necessities of speakers/writers. The results show that use innovations actually constitute uses of existing connectors which behave in a different way depending on the context and cotext in which they appear (cf. DAHLET, 2006). This verification confirms the influence of grammaticalization for the explanation/understanding of Brazilian Portuguese connectors and their polyfunctionality (cf. CALLOU *et alii*, 1996; BARRETO, 1999; RODRIGUES, 1999).

**Keywords:** Adverbial hypotaxis; Connectors; Prototype; Frequency.

## Primeiras palavras

Começo meu texto revisitando/ressignificando minhas memórias pessoais que não podem ser dissociadas das memórias acadêmicas. Conheci a Professora Dinah Callou, na disciplina *Português III – Fonética e Fonologia Sincrônica do Português* – em 1987, como aluna do curso de Graduação em Português-Literaturas. Um pouco mais tarde, por indicação de duas colegas de curso, que já eram suas bolsistas, comecei um período de Iniciação à Pesquisa com ela, ingressando no *Projeto da Norma Urbana Culta*– NURC / RJ, em que trabalhei com sândi externo e com as vogais postônicas na Fala Culta do Rio de Janeiro.

Um pouco mais tarde ainda, já na década de 90, agora como aluna de Especialização e bolsista de Aperfeiçoamento no Projeto NURC / RJ, ainda sob orientação da Professora Dinah Callou, numa interface fonética/sintaxe, comecei a estudar as construções de tópico e adjuntos. Nessa fase também já estava em desenvolvimento uma investigação sobre preenchimento de fronteira de constituintes, na qual fui inserida, no âmbito de um outro projeto–*Projeto da Gramática do Português Falado*–, que contribui muito para o entendimento de meu percurso acadêmico e interesse pelas adverbiais e seus conectores.

Minha vontade de estudar mais sistematicamente as cláusulas hipotáticas<sup>2</sup> e seus introdutores teve por motivação um dos trabalhos mais marcantes de que participei no âmbito do Projeto NURC integrado com o *Projeto da Gramática do Português Falado*, que foi o estudo do-

---

2 Na perspectiva funcionalista, cláusulas hipotáticas são aquelas que se combinam umas com as outras, contribuindo para a indicação de circunstâncias como tempo, modo, lugar etc. e, ainda, para realçar o conteúdo anteriormente expresso em forma de adendo, comentário etc. Normalmente, são associadas às adverbiais e às relativas apositivas.

*Preenchimento em fronteira de constituintes: orações subordinadas* (cf. CALLOU *et alii*, 1996). Este trabalho juntamente com um outro publicado em 1999, intitulado *O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão*, elaborado numa das disciplinas cursadas em 1997 no meu Doutorado, servirão de base para o que apresentarei agora.

Assim, pretendo, neste artigo, resgatar os resultados de Callou *et alii* (1996) para compará-los com os de Rodrigues (1999), a fim de contrastar os usos dos conectores das cláusulas hipotáticas adverbiais em diferentes trabalhos (RODRIGUES, 2001; 2013 – comparativas; THOMPSON, 2013 – item *tipo*; TOTA, 2013 – item *igual*; FERREIRA, 2007 – condicionais; FERREIRA, 2008 – conector *quando*; RELVAS, 2013 – conector *quando*; ROSÁRIO, 2012 – concessivas; SILVA, 2007, 2011 – modais; SANTOS, 2009 – consecutivas; SILVESTRE, 2017 – finais e MARCHON, 2017 – hipotaxe adverbial) e *corpora* também diversos – NURC, Varport, D&G, *Jornal do Brasil*, *Jornal O Globo*, *corpus* roteiro de cinema (disponível no site [www.roteirodecinema.com.br](http://www.roteirodecinema.com.br)), ALERJ (disponível no site [www.alerj.rj.gov.br](http://www.alerj.rj.gov.br)), *Jornal Folha de São Paulo*.

A análise será qualitativa e os resultados servirão para elucidar os comentários que se pretende fazer. Do ponto de vista teórico, a descrição se filia à proposta funcionalista, já que prima pela análise de dados efetivamente produzidos por falantes/escreventes em interação, seja na modalidade falada ou escrita.

Inicialmente, apresentarei as bases teóricas que sustentarão a análise e, em sequência, mostrarei os resultados de Callou *et alii* (1996) e Rodrigues (1999). Depois, utilizarei os resultados dos diversos trabalhos sobre articulação de orações e/ou sobre usos de conectores desenvolvidos no âmbito dos Projetos *Uso(s) de conjunções e combinação hipotática de cláusulas* (2008 a 2013); *Cláusulas hipotáticas: uso(s) de articuladores* (2013 a 2016); *Cláusulas hipotáticas: interface sintaxe & prosódia* (2016 até o presente momento), na Faculdade de Letras da UFRJ e anteriormente listados. Após a apresentação de alguns dos resultados de tais estudos, pretendo comprovar a hipótese de que os conectores prototípicos de cada relação semântica continuam sendo os mais frequentes em termos de uso e atestar, mais uma vez, a polifuncionalidade dos introdutores das orações.

### **Aparato teórico**

Com base na premissa funcionalista de que a língua não é autônoma e de que o uso ajuda a definir a sua estrutura, ratifico a ideia de que os conectores passaram e continuam passando por processos de gramaticalização.

A gramaticalização envolve quatro níveis: (i) o nível cognitivo – caracterizado pela tendência à utilização de elementos do mundo concreto para representar o mundo abstrato; (ii) o nível pragmático – resultante da intenção genérica do falante de facilitar a compreensão do

ouvinte, a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para expressar novas ideias na interação; (iii) o nível semântico – referente ao conhecimento, por parte dos interlocutores, dos significados originais das palavras envolvidas, para que o novo sentido possa ser, realmente, apreendido pelo ouvinte; (iv) o nível sintático – relativo à ocorrência da gramaticalização em contextos que a estimulam, o que significa não só existirem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas também serem esses aspectos os responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho.

A gramaticalização é um processo de mudança que ocorre continuamente na história da maioria dos conectores da Língua Portuguesa. Por pressão pragmático-discursiva, ou, de acordo com as necessidades do falante em situações reais de comunicação, itens conjuncionais deixam de ser empregados, são substituídos por outros, assumem outros ou novos valores semânticos. Portanto, a maior parte dos conectores portugueses vem se gramaticalizando.

Segundo Barreto (1999, p. 292), no que se refere aos usos dos conectores,

pode-se afirmar não haver uma separação nítida entre conjunções coordenativas e subordinativas, mas um contínuo que vai da coordenação à subordinação por excelência, havendo, em cada grupo de conjunções, os protótipos, isto é, as que preenchem as características básicas de cada grupo.

Decat (2001) assinala a possibilidade de ocorrer um *esvaziamento semântico* de algumas conjunções ou locuções conjuntivas e que esse esvaziamento pode ser observado não só na língua oral, em que é mais comum, mas também na língua escrita. Segundo ela, existe possibilidade de diferentes inferências entre as cláusulas iniciadas por um único tipo de conector. O que importa é o tipo de proposição relacional que emerge da articulação de cláusulas e não a marca lexical dessa relação. O conector restringe-se à função de estabelecer um elo entre duas porções textuais ou entre unidades informacionais, não podendo ser visto como o responsável por caracterizar sozinho a relação entre as orações.

Camara Jr. (1985, p. 81) já ressaltava que “a polissemia é um fenômeno geral das conjunções subordinativas, cuja idéia de subordinação depende essencialmente do contexto”.

Assim, tomando-se por base a perspectiva funcionalista, pode-se entender melhor o(s) uso(s) dos conectores, pois, segundo essa perspectiva, tal(is) uso(s) é(são) visto(s) como um meio de *suprir* determinadas necessidades dentro da estrutura da língua, como, por exemplo, uma maior variedade de conectores para expressar relação entre itens ou cláusulas em diferentes contextos comunicativos. Com o objetivo de preencher determinados vazios, o falante utiliza-se de *velhas* estruturas para estabelecer uma nova função dentro da língua, caracterizando o processo de gramaticalização, já elucidado.

## O começo da história

Callou *et alii* (1996) compararam o comportamento das orações subordinadas completivas nominais ao das adverbiais no que se refere ao preenchimento em fronteiras de constituintes, utilizando o mesmo *corpus* de Tarallo *et alii* (1990).

Um dos aspectos observados pelos autores foi o uso do conector num *corpus* constituído por 159 orações subordinadas adverbiais. Destaco desta análise alguns resultados: (1) o fato de os advérbios sempre introduzirem as reduzidas; (2) as conjunções/locuções conjuntivas, as desenvolvidas e as preposições/locuções prepositivas, as reduzidas; (3) a ordem mais frequente em que as orações aparecem ser a canônica – principal + subordinada. Embora não se tenha como precisar, neste estudo, o conector introdutor de cada estrutura, há como se explicitar as relações semânticas mais frequentes: tempo – 39 sentenças, causa – 38, condição – 29, finalidade – 24, concessão – 10, modo – 05, conformidade – 05, consecução – 04, comparação – 03, proporção – 02.

Rodrigues (1999) comparou o uso dos conectores na linguagem jornalística com o quadro de conjunções apresentado pelas gramáticas de Língua Portuguesa, com a intenção de detectar (i) se houve alterações no quadro das *conjunções* adverbiais apresentado pelas gramáticas tradicionais e (ii) se havia preferência do escrevente por algum tipo delas. Para tal, estabeleceu um *corpus* constituído por crônicas, editoriais, matérias assinadas, opinião de leitores, perfazendo um total de 67 textos, que demonstraram exatamente a pluralidade linguística nesse domínio discursivo.

A tabela da autora, a seguir, mostra os 458 conectores (denominados por ela de articuladores sintáticos) encontrados no *corpus Jornal do Brasil*, doravante JB, impresso no decorrer dos dias 27 de agosto a 8 de setembro de 1997, indicando-se, entre parênteses, o número de ocorrências de cada um deles.

TIPOS DE ADVERBIAIS	NÚMERO DE DADOS	ARTICULADORES
1. finais	127	para (112)
		para que (9)
		como forma de (2)
		segundo (2)
		a (2)
		pra (1)
2. temporais	88	quando (61)
		desde que (7)
		depois de (6)
		antes que (2)
		assim que (2)
		até que (2)

		enquanto	(2)
		na hora de	(2)
		no momento em que	(1)
		como	(1)
		logo que	(1)
3. causais	55	porque	(32)
		como	(7)
		já que	(7)
		pois	(6)
		enquanto	(6)
		desde que	(2)
		na medida em que	(2)
		à medida em que	(1)
		uma vez que	(1)
4. condicionais	52	se	(42)
		quando	(5)
		como se	(1)
		sem antes	(1)
		enquanto	(1)
		Senão	(1)
		caso	(1)
5. comparativas	43	mais (...) do que	(10)
		do que	(4)
		tão...quanto	(4)
		melhor(es) do que	(3)
		tanto...quanto	(3)
		tanto...que	(3)
		como	(2)
		mais que	(2)
		que	(2)
		mais como...do que como	(1)
		mais que de	(1)
		pior que	(1)
		tantas...quanto	(1)
		tanto...como	(1)
		tão...como	(1)
6. concessivas	30	embora	(9)
		mesmo que	(6)
		desde que	(2)
		mesmo	(2)
		senão	(2)

		quer	(2)
		ainda que	(1)
		antes mesmo que	(1)
		em que pesem	(1)
		mesmo se	(1)
		se	(1)
		sem que	(1)
7. conformativas	30	como	(25)
		como se	(3)
		segundo	(2)
8. modais	22	como	(7)
		sem	(7)
		como se	(4)
		sem que	(3)
		tal qual	(1)
9. proporcionais	9	enquanto	(6)
		na medida em que	(2)
		à medida que	(1)
10. consecutivas	2	tão...que	(1)
		para	(1)

**Tabela 1:** Rodrigues, 1999, p. 763-766

Nota-se, pela Tabela 1 de Rodrigues (1999), que dentre os conectores mais usados no JB chamam atenção os de finalidade, com 127 casos; os de tempo, com 88 casos; os de causa, com 55 casos; os de condição, com 52 casos, e os de comparação, com 43 casos, destacando-se em cada tipo supracitado os seguintes itens: nas finais, *para* com 112 dados; nas temporais, *quando* com 61 dados; nas causais, *porque* com 32 dados; nas condicionais, *se* com 42 dados e nas comparativas, *mais do...que* com 10 dados.

Por meio de uma análise mais atenta dos postulados encontrados em várias gramáticas de linha tradicional, nota-se que, em geral, ao abordarem a articulação de orações, esses compêndios se limitam ao nível sentencial e à possibilidade de essa conexão ser prioritariamente estabelecida pelas conjunções, no âmbito dos períodos compostos por coordenação e subordinação. Aqui darei mais ênfase ao caso das orações adverbiais que, nessa perspectiva, são introduzidas pelas conjunções subordinativas, que prefiro denominar de conectores.

Adotar o conceito de conector como palavra ou expressão que conecta, isto é, *liga* partes de orações, cláusulas, períodos inteiros e, até, fragmentos de texto maiores que uma sentença, estabelecendo uma relação semântica ou pragmática entre os elementos ligados, é mais adequado do que simplesmente se utilizar o conceito de conjunção para englobar os itens que promovem a articulação de cláusulas ou porções maiores de texto.

O uso de tal nomenclatura justifica-se pelo fato de poderem funcionar como conectores

em Língua Portuguesa as conjunções, preposições, certos advérbios e as locuções equivalentes a essas classes, tais como, locuções conjuntivas, prepositivas e adverbiais. Além disso, não se pode também desconsiderar o fato de itens não conjuncionais serem empregados com essa função<sup>3</sup>.

Junte-se a isso ainda o fato de Mateus *et alii* (2013), no capítulo dedicado à coordenação, apresentarem propriedades formais para distinguir as conjunções dos conectores. Assim, segundo as autoras, as conjunções ocupam a posição inicial, não podem se deslocar, não podem concorrer para uma mesma posição estrutural, podem coordenar orações e vocábulos, e podem coocorrer com complementadores quando coordenam subordinadas. Já os conectores instauram relação semântica entre elementos, só conectam orações, apenas são compatíveis com orações desenvolvidas, podem coocorrer com uma conjunção, podem deslocar-se na oração em que estão e, até mesmo, no período, devem ser interpretados, respectivamente, como itens adverbiais ou preposicionais.

### Conectores e articulação de orações

Rodrigues (2001) empreendeu uma análise das comparativas em que se baseou em diferentes dados de fala e de escrita. Ao todo foram encontradas 461 comparativas, sendo 315 em língua escrita e 146 em língua falada. Na análise do *corpus* da autora, alguns usos de conectores chamaram atenção: *feito*, *igual* e *que nem*, este último com apenas 1 ocorrência no total geral. A seguir exemplifico os referidos usos que estão em Rodrigues (2001, p. 96-97):

1. Semicúpio – Sim, estou França, porque estou [**feito** galo.] (VDDQ – Vida de Dom Quixote, 1733)
2. (...) é esse alertamento à mulher... ajudar ela que acorde pra esse... pra esse estado de coisas... que ela pode... ela é um ser humano [**igual** ao homem...] (INQ. 373 - PB)
3. (...) aí eu gostava de comprar sorvete... sorvete da Kibon custava centavos né... [**que-nem** os de hoje.] (INQ. 20 - PB)

Em 1, temos o particípio passado do verbo *fazer* – *feito*– funcionando como conjunção comparativa; em 2, temos o adjetivo *igual* se comportando dessa forma e, em 3, temos a construção *que nem*, um par forma-significado constituído a partir da junção da conjunção subordinativa consecutiva *que* e da partícula de negação e intensificação *nem*.

Na língua escrita, o conector mais frequente no trabalho de Rodrigues (2001) foi *como* (179 dados) e, na língua falada, uma diversidade de itens denominada *outros*, englobando *igual*,

<sup>3</sup> A nomenclatura *articulador sintático* empregada em Rodrigues (1999), com base em Abreu (1994, p. 22-37), não foi mais utilizada a partir desse momento por ser mais específica e precisarmos de uma categorização mais generalizante/abrangente.



*quanto, tanto, que nem, assim como, tal e qual como, tanto quanto, tão como, tal qual, feito* (83 dados). Em segundo lugar, nas duas modalidades, *do que* é o conector mais frequente – 61 dados na escrita e 146 na fala.

Observando os resultados mais recentes de Rodrigues (2013), já se percebe, na língua escrita, um uso crescente de itens não conjuncionais como conectores comparativos. Portanto, inovações em relação ao que prescrevem as gramáticas normativas. Em um total de 145 dados, tem-se *que nem* com 89 ocorrências, *feito* com 41, *igual* com 15 e *tipo* com 8.

Embora não se tenham inserido os resultados de todos os conectores comparativos encontrados por Rodrigues (2013) – 616 estruturas comparativas –, todos foram registrados (*como, do que, que, quanto mais, quanto, tal como, tal qual, tanto...quanto, assim como*). No entanto, como no referido trabalho o foco são as inovações de uso, *feito, igual, tipo* e *que nem* foram priorizados por constituírem casos de gramaticalização, conforme já apontado.

O exemplo com *tipo* a seguir complementa a exemplificação dos itens não prototípicos que funcionam como conectores comparativos (cf. RODRIGUES, 2013, p. 140):

#### 4. BRUNO (afobado)

Mãe, mãe, deixa eu pôr o CD? Deixa,deixa, deixa?!

Fabi, meio contrariada, ajuda o filho a colocar o CD. É algo [**tipo** rouge/rebelde.] A criança pira no som. O volume é alto. Os adultos estão dispersos pela sala. A câmera passeia pelos rostos alterados pela bebida. Rocco e Ronaldo reparam na calça branca e apertada de Fabi. (*Corpus Roteiro de Cinema*)

Por meio dos exemplos anteriormente apresentados, em que se ilustram os usos dos conectores não prototípicos, demonstra-se a mutabilidade linguística, em que ressalto a importância da noção de *função*, entendida aqui não apenas como entidade sintática, mas como a união do estrutural com o funcional. Assim, prioriza-se a multifuncionalidade/polifuncionalidade dos itens, ou seja, a consideração das estruturas linguísticas pelo que elas representam na organização dos meios linguísticos de expressão e das funções a que serve a linguagem.

O comportamento de *tipo* e *igual* como conectores comparativos despertou o interesse no aprofundamento do estudo de sua multifuncionalidade por Thompson (2013) e Tota (2013), respectivamente.

Thompson (2013) apresenta uma proposta de análise para as cláusulas introduzidas por *tipo*, reforçando a importância de se considerar forma e conteúdo nas análises linguísticas. A autora encontrou três diferentes funções para o item *tipo*, as quais englobam nove usos: substantivo [- genérico], substantivo [+ genérico], substantivo delimitador, articulador delimitador, articulador modificador, articulador de aproximação, articulador de comparação, articulador de adendo e marcador. Tais usos foram constatados em quatro diferentes *corpora*: *corpus D&G*,

*corpus* Varport, roteiros de cinema brasileiro e postagens da rede social *Facebook*.

Meu interesse reside no fato de, segundo a autora, *tipo* poder introduzir uma cláusula comparativa, ligando-a a uma cláusula antecedente e explicitando a relação de comparação partilhada por elas, como se percebe nos casos a seguir:

5. BEL: Eu trabalho num *call center*, sabe? Telefone o dia inteiro. Às vezes, escuto trezentas pessoas num dia. Em casa, continuo ouvindo vozes reclamando da cobrança do cartão, falando do vencimento, plano *gold*... ouço vozes no banho, na cama, [**tipo** louca mesmo.] (*Corpus* Roteiro de Cinema)

6. MADRUGADÃO: A que ele tinha [era **tipo** essa,] sente só, saca o peso. (*Corpus* Roteiro de Cinema)

Em 5, *tipo* liga a cláusula *louca mesmo* (*ouve*) à cláusula *ouço vozes no banho, na cama*. Já em 6, *tipo* conecta a cláusula *essa* (*é*) à cláusula *a que ele tinha era*. Nesses casos, além de unir as cláusulas, *tipo* reforça a circunstância de comparação que emerge da relação entre elas.

Os dados de *tipo* funcionando como articulador de comparação mostraram-se recorrentes no *corpus* de Thompson (2013) e somam ao todo 32 ocorrências.

Tota (2013) descreve o comportamento do vocábulo *igual*, que vem experimentando um processo de gramaticalização, processo esse que prevê a atribuição de características mais gramaticais a termos de características mais lexicais. O trabalho parte da hipótese de que, embora seja considerado, pela tradição, um adjetivo, *igual* apresenta uso(s) em outra função, a de conector. Para tanto, o autor coletou 620 dados de *igual* em quatro diferentes *corpora*: *Corpus Compartilhado* do Projeto VARPORT, *Jornal Adufrj-SSind* – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Seção Sindical, *Corpus* do Grupo *Discurso & Gramática* – D & G e *Corpus* Roteiros de Cinema.

Segundo Tota (2013), para que *igual* se comporte como um conector de cláusulas comparativas, espera-se que ele seja um introdutor semelhante ao *como*, que é um termo que pode conectar duas cláusulas, sendo a segunda constituída ou não por um verbo elíptico. Veja-se o exemplo a seguir:

7. Por muito que eu quisesse, por muito que eu tentasse, não me sentia [**igual** aqueles homens rudes que o destino havia feito meus companheiros]”. (*Corpus* Roteiro de Cinema)

No exemplo 7, *igual* pode ser substituído por *como* e pode ser interpretado como introdutor de uma cláusula comparativa que apresenta a elipse do verbo *sentir*.

Em um total de 620 casos, Tota (2013) verificou poucos uso(s) prototípico(s) de *igual* como conector, apenas 22 casos (3% dos dados), visto que o(s) uso(s) de *igual* como modificador são mais numerosos e correspondem a 215 casos (35% dos dados). Curiosamente, o maior

número de dados (62% dos casos) corresponde aos casos híbridos: houve 383 dados em que não é possível delimitar categoricamente *igual* como conector ou como modificador.

No âmbito das cláusulas condicionais, Ferreira (2007) descreve e analisa ocorrências destas cláusulas em diferentes modos de organização discursiva (narrativo, descritivo, injuntivo e, fundamentalmente, argumentativo) das modalidades escrita e falada do português brasileiro, no período de 1975 a 2005, sob o ponto de vista do uso efetivo em contextos reais de comunicação.

Foram analisados pela autora 480 textos, dos quais 240 são de língua falada e 240 são de língua escrita. Os textos de fala consistem em 60 diálogos entre informante e documentador (DID), extraídos do *corpus* VARPORT e mais 180 textos extraídos do *corpus* D&G.

Ferreira (2007) controlou, em sua análise de dados, (1) as condicionais introduzidas por conector prototípico, ou seja, aquelas iniciadas pelo conector *se*:

8. O governo se agitou e confeccionou um pacote para conter uma hemorragia milionária no falho esquema de concessão de auxílios-doença – isso[**se** a MP editada sobre o assunto for aprovada pelo Congresso.] (L.E./P.B/EDIT/GLO/2005)

(2) as condicionais iniciadas por conector não prototípico, ou seja, todos os outros casos de conectores que, segundo a gramática tradicional, introduzem cláusulas que exprimem condição, tais como, *a não ser que, desde que, caso*:

9. [**Caso** a Governadora aceite a lei,]será uma questão de tempo a suspensão dela pela Justiça. (L.E./P.B/EDIT/GLO/2005)

(3) Condicionais introduzidas por conector prototípico de outra circunstância, isto é, especificamente, o conector *quando* e suas relações com a expressão de condicionalidade:

10. [**quando** é mulher] eu digo:–Ô mocinha!(L.F./P.B./DIAL/Oc-B-9C-1m-001)

11. [**quando** chegava algum filme lá...] era filme que já tinha passado aqui na cidade um tempão... (L.F.-P.B.-DIAL.-Oc-B-9C-001)

Os resultados de Ferreira (2007) comprovaram que as cláusulas condicionais encetadas pelos conectores *se* se manifestaram, em geral, na posição anteposta à oração núcleo. Também em posição anteposta, se apresentaram as cláusulas de valor condicional reduzidas (casos de cláusulas com ausência de conector). Já aquelas introduzidas pelos conectores *a não ser que* e *desde que* sempre estiveram em posição posposta à oração núcleo, como atestam os exemplos a seguir:

12.... põe aquela massa... aí deixa secar de um dia pro outro... [**se** não tiver bom deixa mais... dois dias...] aí vai/ dependendo da cor... e lá em casa a gente pintou com branco... gelo... passamos gelo em cima e a parede fica conservada por um montão de tempo... (L.F./P.B./D&G/8<sup>as</sup>/RP)

13. **[querendo]** / posso RECHEAR também com uma geleinha de AMEIXA (L.F./P.B./DIAL/Oc-B-70-2f-001)

14. Não tem como chegar... **[a não ser que** conheça alguém...](L.F./P.B./D&G/RJ/3ºg/RO)

15. É uma espécie de macarrão que vem em uma embalagem plástica geralmente para uma pessoa, podendo até ser para duas ou três, **[desde que** satisfaça o apetite de cada uma.](L.E./P.B./D&G/RJ/2ºg/RP)

Assim, de forma geral, a posição mais frequente em que as condicionais aparecem nos textos analisados pela autora é a anteposta, totalizando 363 ocorrências (67 são de posposição).

Posteriormente, Ferreira (2008) descreve os diversos valores e usos do conector *quando*, buscando demonstrar sua grande produtividade, bem como a grande dificuldade em analisá-lo, uma vez que a maioria dos gramáticos tende a considerá-lo como uma conjunção de valor prototipicamente temporal.

Ao todo foram analisados por ela 689 dados da conjunção subordinativa *quando*, que foram recolhidos em 527 textos dos séculos XX e XXI (93 inquéritos do *corpus* D&G – RJ); 354 textos do *corpus* do projeto VARPORT, sendo 59 inquéritos de língua falada; 295 textos de língua escrita (anúncios, editoriais, notícias); 80 textos selecionados do *Jornal O Globo*, entre 31/05/2006 e 14/06/2006.

Ferreira (2008) encontrou em seus *corpora* cinco valores semânticos para o conector *quando*:

### Valor Temporal

16. Os choques foram os mais graves incidentes do gênero desde os distúrbios urbanos ocorridos em toda a França em novembro, **[quando** mais de nove mil veículos e dezenas de prédios públicos foram incendiados por multidões de jovens amotinados.](*O Globo*, 31/05/06 – NOTÍCIA)

### Valor Condicional

17. O Brasileiro adora acompanhar futebol. **[Quando** tem Copa do Mundo então, nem se fala.](*O Globo*, 04/06/06 – ANÚNCIO)

18. O trunfo serve para cortar o jogo que está na mesa, mas só pode ser usado **[quando** o jogador não tiver nenhuma carta do naipe] que está sendo jogado.(D&G – Inf.2 – PE – RP)

### Valor Causal

19. Também nós sentimos o frêmito da indignação e do horror, [**quando** a devastação, o incêndio, nas principais ruas desta capital e de São Paulo iluminava com seus rubros clarões o sedicólemma da ‘Ordem e progresso’.](VARPORT – E-B-91-Je-004 – EDITORIAL)

20. [**Quando** meus pais se separaram,] eu fiquei muito chocada...(D&G – Inf. 40 – F – PE – NEP)

### Valor Concessivo

21. O Inmet já registrou em junho mais de 300 mm de chuva, [**quando** a média é de 180 mm.] (*O Globo*, 13/06/06 – NOTÍCIA)

22. ...E eu... [**quando** tenho dificuldade...] também não tenho medo... que eu sei que não vai acontecer nada comigo...”(D&G – Inf. 41 – PO – RO)

### Valor Proporcional

23. Alguma coisa tem que estar errada [**quando** as remarcações se fazem em escala geométrica,] enquanto os salários sobem em escala aritmética. Um contra-senso que a lógica dos economistas não sabe explicar.(VARPORT – E – B – 94 – Je – 005)

Relvas (2013) descreve as cláusulas iniciadas pelo conector *quando*, a fim de comprovar a hipótese de que os valores semânticos considerados inovadores, como condição, causa e concessão, já ocorriam desde o português arcaico. A autora utilizou um *corpus* formado por textos de três séculos distintos: XIII, XVII e XXI, obedecendo à divisão do português estabelecida por Barreto (1999). Dentre os textos analisados estão foros, narrativas e roteiros de cinema. Para que não houvesse desequilíbrio com relação ao número de textos examinados na análise de dados, verificaram-se as sequências textuais em que as cláusulas estavam inseridas e não o gênero textual. Os dados foram contabilizados manualmente, visto que o intuito principal do trabalho era realizar uma análise qualitativa dos *corpora*. Foram encontrados 382 dados distribuídos pelos três séculos, sendo 119 no século XIII, 153 no século XVII e 110 no século XXI.

Segundo a autora, a análise das cláusulas hipotáticas em língua portuguesa deve considerar não só os aspectos sintáticos, mas também o contexto em que estas estão inseridas. Relvas (2013) constatou que os valores semânticos de tempo, condição, causa e concessão, vistos como inovações na língua em trabalho anterior (cf. FERREIRA, 2008), já eram usados desde o português arcaico.

Quanto à noção de concessividade, Rosário (2012) parte da hipótese de que esta é uma noção complexa na língua portuguesa e exhibe propriedades bastante singulares, devido à sua

multifuncionalidade pragmático-discursiva e à sua configuração morfossintática. Por isso, propõe um estudo da concessividade no âmbito das relações sintáticas, pragmáticas, funcionais e discursivas, e não só no âmbito semântico, como tem sido feito por grande parte dos autores tradicionais.

Para tanto, analisa discursos proferidos por deputados na ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro –, usando como fonte de pesquisa o *site* eletrônico <http://www.alerj.rj.gov.br>, mais especificamente no ícone *Discursos e Votações*. Foram selecionados por ele 1275 discursos de diferentes extensões, de 02 de fevereiro a 29 de outubro de 2010. No total, são 548 ocorrências de construções concessivas, sendo 483 (88,13%) introduzidas por conectores e 65 (11,87%) não.

Os resultados mostram uma grande frequência de ocorrência de *mesmo* e *apesar de*, que juntos somam 57,97% de todos os casos de conectores concessivos, ou seja, 280 ocorrências. Os conectores *posto que* e *se bem que*, que figuram entre os três mais citados entre os gramáticos, no *corpus* de Rosário (2012), têm um comportamento singular – o primeiro não aparece e o segundo foi encontrado em uma única ocorrência.

O conector concessivo mais recorrente do *corpus* – *mesmo*, com 179 ocorrências, ou seja, 37,06% de todos os dados, não é reconhecido nas gramáticas pesquisadas pelo autor como um dos possíveis introdutores de concessivas. Os conectores mais frequentes no *corpus* do estudo são exemplificados a seguir:

24. [...] analfabeto é o único cego que vê: está embaixo de uma placa, consegue vê-la mas não consegue ler. Por isso, [**mesmo** vendo,] não se sabe distinguir, não sabe onde está. – 13/08/2009

25. Em respeito ao diligente Deputado Paulo Ramos, aceitei sua questão de verificação, [**mesmo** já concluído o processo de votação]. – 31/03/2009

26. O Sr. Deputado Paulo Melo não está aí. O parecer pela Comissão de Constituição e Justiça, tendo em vista ser uma questão emergencial, e [**apesar de** apresentar a possibilidade de aumento de despesa para o Poder Legislativo,] é pela constitucionalidade. – 01/09/2009

Rosário (2012) sugere, com base nos resultados de sua análise, que pode haver uma classificação geral das concessivas em dois grandes grupos:

**Grupo 1 – Concessivas sempre ou normalmente desenvolvidas (conectores *quando*, *mesmo quando*, *mesmo que*, *mesmo se*, *embora*, e *e se bem que*) – 151 ocorrências – 31,26%.**

**Grupo 2 – Concessivas sempre ou normalmente nominalizadas ou reduzidas (conectores *mesmo*, *mesmo assim*, *até mesmo*, *nem mesmo*, *apesar de*, *em que pese*, *não obstante*) – 332 ocorrências – 68,74%.**

No que tange às orações modais, Silva (2007) analisou 264 orações subordinadas adverbiais modais em 1384 textos retirados do *corpus* VARPORT. Neste estudo, o autor descreveu os conectores introdutórios destas orações – *sem que*, *sem* + infinitivo, *como*, *do modo como*, gerúndio. A seguir ilustram-se alguns dados de modais do *corpus* do autor:

27. Você pode comprar o seu celular digital em qualquer uma de nossas lojas no Rio de Janeiro, que o Ponto Frio garante a entrega do seu aparelho já habilitado. Você sai [**falando** na hora]. (E-B-94-JA-020)

28. Agora todo prefeito pode instalar fontes públicas [**sem ser** acusado] de fazer obras eleitoreiras. (E-B-94-JA-008)

Conforme Silva (2007), analisa-se a estrutura destacada em 27 como uma oração subordinada adverbial modal, em que o gerúndio explica o modo como alguém sai de algum lugar.

É interessante observar que as cláusulas hipotáticas de realce que expressam modalidade e se apresentam com verbo no infinitivo possuem uma preposição antes do verbo. No exemplo 28, a preposição empregada foi *sem*.

Segundo Silva (2007), as cláusulas finitas podem ser introduzidas por conjunção *como* ou por locuções conjuntivas *como se*, *como que* e *sem que*, como se mostra a seguir:

29. A Hespanha com a sua povoação de onze milhões de almas póde, sendo [**como** tem sido], ajudada pela Grã-Bretanha, que lhe fornece cabedal e armas, apresentar pelo menos 300 soldados. (E-B-81-JN-012)

30. A Inspectoria, esquecida da velha legislação Brasileira, entra [**como se** fôra sua casa] em todos os bancos, indagando pormenorizadamente de contas particulares ... (E-B-92-JE-004)

31. A casa suspende as transações por alguns dias e depois recomeça no mesmo gosto, mas [**como que** pertencendo a outro]. (E-B-83-JE-003)

32. A cada momento temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos, [**sem que** se possa determinar a verba] por que foram effectuados. (E-B-91-JN-006)

Silva (2011) analisa uma amostra de dados que abrange dois *corpora*: VARPORT – constituído por anúncios, editoriais, notícias e entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) referentes aos séculos XIX e XX do português brasileiro e do europeu, disponível no site [www.lettras.ufrj.br/varport](http://www.lettras.ufrj.br/varport) e o D&G – que apresenta amostras de língua falada e escrita coletadas a partir de informantes das cidades do Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. No último, foram analisados apenas os textos produzidos por informantes do

Rio de Janeiro.

Foram lidos no *corpus* VARPORT 384 textos e a quantidade de cláusulas com noção de modo encontrada foi de 484, já no *corpus* D&G, foram 350 textos e a quantidade de cláusulas encontrada foi 79.

No que se refere às cláusulas hipotáticas consecutivas, Marques (2009) levantou uma variedade de ocorrências deste tipo de oração não consideradas por nossas gramáticas tradicionais, como as introduzidas pelos itens *e*, *aí* e *então*, as cláusulas sem conector *e*, ainda, as reduzidas de gerúndio.

O levantamento da autora tomou por base uma abordagem funcional-discursiva da língua, em que se consideram não apenas fatores de ordem estrutural, mas também fatores de ordem discursiva, ao se atentar para os efeitos de sentido que o falante deseja imprimir ao seu discurso.

O *corpus* de usos autênticos da língua foi coletado do Projeto VARPORT (Variedades do Português), envolvendo quatro gêneros textuais distintos – anúncios, editoriais, notícias e entrevistas orais, pertencentes às variedades brasileira e europeia. Os textos escritos estão distribuídos entre os anos de 1900 e 2000; os textos orais estão distribuídos nas modalidades culta e informal/popular da década de 70 e 90 do século XX. Ao todo foram analisados 562 textos, em que foram detectadas 242 ocorrências de cláusulas consecutivas, que foram distribuídas da seguinte forma:

### Usos prototípicos

33. Entretanto, durante a primeira conflagração mundial ensaiou-se o emprego da aviação de combate e da guerra química e bacteriológica. [**Tamanho** terror causou o emprego de gases venenosos e de bactérias infecciosas, **que**, terminado o conflito de 1918, concordaram todas as nações em condenar o seu emprego na guerra.] (E-B-93-Je-001)

34. O varejista não pôde custear as suas despesas com uma tão pequena margem de lucro. E, depois, o artigo é mal pesado, nas feiras, [**de modo que** o comprador leva sempre de menos.] (E-B-92-Je-001)

35. Após essa beberagem, sentiu-se o pobre homem cada vez mais incomodado, [**a ponto de** ter colicas horríveis,] havendo mesmo/ abundante hemorragia. (E-B-91-Jn-004)

36. (...) ó diabo, isso é um problema muito, muito complexo [**para** se dizer sob o ponto de vista psicanalítico,] mas o Freud realmente descobriu uma teoria que chamava bissexualidade. (Oc-P-70-2m-001)



## Usos não prototípicos

37. Ora, aí com as horas extras eu ganhava mais dinheiro, eu coloquei em segundo plano o estudo[e acabei abandonando realmente o curso pré-vestibular.](Oc-B-90-3m-002)

38. os navios já estavam encostando na areia [então eles botaram um encanamento lá com uma draga] e jogaram areia aqui mas a maior parte da areia já foi embora. (Op-B-90-3m-004)

39. cerca de uns vinte dias atrás... houve problema de água lá em casa... a água estava muito... com muito cloro [aí eu passei mal... eu... minha sogra... meu filho.](Oc-B-9C-2m-001)

Os resultados encontrados por Marques (2009) permitem evidenciar que as consecutivas não se encontram somente no âmbito da subordinação, mas também no âmbito da correlação e do da coordenação. Tais processos sintáticos não serão abordados aqui.

No que concerne ao caso da preposição *para*, caracterizada como introdutor de orações subordinadas adverbiais finais pelas Gramáticas Tradicionais, Silvestre (2017) investigou outros usos desta como conector. Em situações reais de interação, este conector pode encetar além de orações finais, cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas*<sup>4</sup>, completivas e relativas, segundo a autora. Além do conteúdo de finalidade, o conector *para* pode veicular também o conteúdo semântico consecutivo, conforme visto em Marques (2009). A autora analisou no *corpus* Roteiro de Cinema cinquenta e cinco (55) longas-metragens e oitenta e um (81) curtas-metragens e nestes textos foram identificados 2.883 dados de cláusulas introduzidas por *para*, analisados e contados manualmente por ela. Deste total, 1.008 (34,96%) são completivas, 1.856 (64,37%) são hipotáticas circunstanciais – sendo 51 (2,74%) destas *desgarradas* – e 19 (0,67%) relativas. No que se refere ao conteúdo semântico veiculado pelas cláusulas com *para*, constatou-se que 2.862 (99,27%) dados veiculam conteúdo final, 11 (0,39%) veiculam conteúdo semântico de consequência e 10 (0,34%) veiculam simultaneamente mais de uma relação semântica.

Marchon (2017), numa interface da Análise do Discurso com o Funcionalismo, faz uma investigação sintático-discursiva sobre as cláusulas hipotáticas circunstanciais, identificadas por ela como importantes fios da teia argumentativa. Segundo a autora, a presença dessas estruturas no discurso, assim como sua configuração formal e sua posição no período refletem escolhas subjetivas do enunciador na tessitura da argumentação.

Assim, Marchon (2017) parte da hipótese de que as estruturas hipotáticas revelam um

4 As cláusulas *desgarradas* são unidades informacionais a parte, servindo para realçar, comentar, tanto constituintes ou porções de texto anteriormente utilizadas pelo falante/escrivente, não estabelecendo relação de constituição com eles (cf. DECAT, 1999).

matiz argumentativo, analisando um *corpus* constituído de vinte e quatro (24) artigos de opinião publicados, aos sábados, pelo jornal *Folha de São Paulo*, na coluna *Tendências e Debates*, ao longo do ano de 2014. Nestes textos, ela identificou cento e oitenta e cinco (185) cláusulas hipotáticas circunstanciais, destacando-se no *corpus* as cláusulas que expressam as relações de finalidade, modo, tempo, condição, concessão, comparação e conformidade.

A análise quantitativa dos dados feita por ela apontou que, entre as cento e oitenta e cinco (185) cláusulas investigadas, em cento e quarenta e três delas (143), o conector está presente; ao passo que em 42 o conector está ausente. No que se refere à prototipia dos conectores, foram encontrados 113 (61,10%) dados de conectores prototípicos, 30 (16, 20%) ocorrências de não prototípicos e 42 (22,70%) casos que envolvem as orações reduzidas de gerúndio e infinitivo.

Destaque-se a alta produtividade da forma reduzida das cláusulas hipotáticas encontrada nos dados de Marchon (2017), especialmente no que tange às cláusulas de modo, em que o verbo no gerúndio é altamente produtivo, e às cláusulas de finalidade, que tendem a apresentar o verbo no infinitivo. Essas foram as duas estruturas circunstanciais mais produtivas encontradas no *corpus* de análise do trabalho. Das cento e oitenta e cinco (185) cláusulas analisadas, as cláusulas de finalidade e de modo, juntas, somam oitenta e sete (87) das estruturas hipotáticas, o que perfaz 47% do total de cláusulas investigadas por ela.

A análise quantitativa dos dados de Marchon (2017), respaldada pelos postulados de iconicidade e de prototipia, apontou que, em 77% do total de cláusulas investigadas, o conector se faz presente, mostrando-se prototípico em 79,09% dos casos. Em números absolutos, dos cento e quarenta e três conectores (143) encontrados entre as cento e oitenta e cinco (185) cláusulas analisadas, cento e treze (113) desses itens gramaticais introduzem cláusulas cuja relação de significado já é antecipada pela própria nuance semântica dos itens, sendo, pois, considerados conectores prototípicos das relações que instanciam. Ao veicularem a relação de sentido que emerge entre as cláusulas, apontam a conclusão a que se intenta que o interlocutor chegue.

Os trabalhos antes elencados valem-se da noção de prototipia para categorizar os conectores encontrados nos *corpora* analisados. Segundo essa perspectiva, as categorias linguísticas e cognitivas não são discretas, ou seja, não são estanques. Pode haver entre elas representantes mais prototípicos caracterizados como aqueles que apresentam mais propriedades de determinada categoria. Entretanto, pode haver também aqueles que se distanciam mais ou menos da categoria. Assim, os elementos de uma determinada categoria podem ser classificados segundo o seu maior ou menor grau de semelhança/dessemelhança ao protótipo.

A teoria funcionalista dos protótipos, como é defendida por Taylor (1992), constitui um forte argumento para classificação de itens que se encontram em contextos de ambiguidade. Por meio dela se entende que ser membro de determinada categoria é uma questão de gradiente. Sendo assim, as categorias gramaticais possuem uma estrutura prototípica com membros centrais, que partilham mais atributos (semânticos e sintáticos) entre si. Além dos membros

centrais, há também membros marginais, que compartilham menos atributos. Um dos critérios apresentados por Taylor (1992) para caracterizar os membros centrais é a sua frequência de uso.

### **Metodologia, *corpora* e análise**

Os estudos sobre a gramaticalização apresentam abordagens e perspectivas teóricas diversas. Devido a este fato, o conceito de gramaticalização apresentado pelos diversos autores poderá ser mais ou menos abrangente.

Atualmente, o processo de gramaticalização pode ser considerado como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, por envolver mudança, e uma perspectiva sincrônica, por implicar variação, podendo ser descrito como um processo sem referência ao tempo.

Conforme já tive oportunidade de comentar, os conectores foco deste artigo passaram ou continuam passando pelo processo de gramaticalização, que está sendo tomada aqui como o processo de mudança pelo qual, em determinados contextos linguísticos, os falantes usam uma estrutura (lexical) com função gramatical, ou dão uma nova função gramatical a estruturas já gramaticais (cf. TRAUGOTT, 2009, p. 91).

Além da gramaticalização, a noção de prototipia também auxilia na descrição dos usos dos conectores. Admitindo-se haver elementos mais centrais e outros mais marginais, é possível afirmar que, na margem de uma categoria, pode ocorrer a reanálise de determinado membro. Tal fato evidencia a inadequação de se trabalhar com modelos dicotômicos, sobretudo no que diz respeito à categorização linguística, pois se torna perigoso considerar que existem limites tão nítidos e definidos entre as categorias gramaticais, o que se aplica às que são aqui abordadas.

As considerações que se farão a partir de agora foram elaboradas por meio dos resultados das análises dos trabalhos já elencados e em que direta ou indiretamente estive envolvida. Tal análise visa a identificar que conectores são mais prototípicos e que inovações de uso apareceram nos dados dos *corpora* utilizados nos estudos de Callou *et alii* (1996), Rodrigues (1999, 2001 e 2013), Thompson (2013), Tota (2013), Ferreira (2007), Ferreira (2008), Relvas (2013), Rosário (2012), Silva (2007 e 2011), Marques (2009), Silvestre (2017) e Marchon (2017). Por conta deste recorte, a análise se configura como assistemática e essencialmente qualitativa, mas não inviabiliza a sistematização, já que os trabalhos citados abordam cláusulas hipotáticas adverbiais, ou seja, aquelas que não são consideradas constituintes de outra, segundo a perspectiva funcionalista, à exceção dos estudos de Callou *et alii* (1996) e Rodrigues (1999, 2001), de viés sociolinguístico. Embora se saiba que nem todas as hipotáticas adverbiais estão contempladas nestes trabalhos (temporais, causais, proporcionais e conformativas) e que existem estudos abordando tais casos, optou-se por considerar apenas as investigações de que participei nos projetos de pesquisa desenvolvidos até então, como já mencionado.

Para a caracterização das cláusulas hipotáticas adverbiais, segundo a proposta funcionalista, tomo por base dois trabalhos que nos possibilitam repensar a noção de subordinação no âmbito da gramática tradicional.

Hopper & Traugott (1993) definem, em termos sintáticos, a sentença complexa como uma unidade que consiste em mais de uma cláusula. Tal unidade pode ser constituída de um núcleo e um ou mais núcleos adicionais, ou de um núcleo e uma ou mais margens. De acordo com esses autores, a cláusula que pode permanecer sozinha na estrutura é designada núcleo, já as cláusulas relativamente dependentes que não podem permanecer isoladamente, mas exibem grau de dependência diferente, são designadas margens. Entre as cláusulas que constituem margem estão aquelas que funcionam como sintagmas nominais (completivas), aquelas que funcionam como modificadores de nomes (relativas) e as que funcionam como modificadores de sintagmas verbais ou de toda uma proposição (adverbiais).

Desta forma, visando a uma simplificação, os autores propõem um modo tripartite para um entendimento mais satisfatório de como as cláusulas se articulam em um complexo oracional. Assim, para eles, as cláusulas devem ser classificadas, conforme seu grau de dependência e encaixamento, segundo o *continuum* parataxe, hipotaxe e subordinação.

A parataxe, que se caracteriza pela independência relativa entre as cláusulas, compreende tanto as sequências nas quais as cláusulas núcleo se justapõem umas às outras, sob um único contorno entonacional, sem o uso de um elemento conector (justaposição), quanto aquelas nas quais um elemento segmental sinaliza a relação entre elas (coordenação).

A hipotaxe, que se caracteriza pela interdependência entre as cláusulas, compreende uma cláusula núcleo e uma ou mais cláusulas (margens) que não podem figurar sozinhas no discurso. As estruturas hipotáticas são aquelas que envolvem alguma relação circunstancial, como condição, razão, finalidade, causa, tempo, espaço, modo e meio (cf. MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

A subordinação, que se caracteriza pela dependência das cláusulas em relação ao núcleo, compreende cláusulas que se encontram à margem e estão incluídas no constituinte de um núcleo.

Estes três tipos de categorização das cláusulas são evidências, portanto, de que não existe um fenômeno único de subordinação. Observa-se que o primeiro e o segundo arranjo representam opções organizacionais para o usuário da língua na estruturação de seu discurso, diferenciando-se assim do terceiro tipo, em que se encontram cláusulas integradas estruturalmente em outra.

Decat (1999), com base em propostas como a anteriormente apresentada, subdivide as orações subordinadas em dois grupos: estruturas de encaixamento – que compreendem as com-

pletivas e relativas restritivas – e estruturas de hipotaxe – que englobam as adverbiais e as relativas apositivas.

No primeiro grupo, estão inseridos os tipos de subordinadas que fazem parte de uma mesma unidade de informação. Já, no segundo grupo, aquelas sentenças que, caracterizando-se como opções de que se vale o falante na organização do seu discurso, constituem, elas mesmas, unidades de informação à parte. Segundo Chafe (1980), unidade informacional é um jato de linguagem que contém toda a informação que pode ser manipulada pelo falante em um único fluxo de consciência.

Evidencia-se, segundo ela, também, um comportamento diferente dos dois grupos antes mencionados, no que concerne ao seu papel sintático: as estruturas de encaixamento ocorrem em uma função de argumento ou de modificador, enquanto as estruturas de hipotaxe funcionam como adjuntos.

Congregando as propostas de Hopper & Traugott (1993) e Decat (1999), considero as adverbiais, de um modo geral, um caso de hipotaxe e não de subordinação/encaixamento. Portanto, não discutirei neste momento os casos de correlação e justaposição. No que se refere aos conectores, considero que estes podem ser simples (formados por um único item lexical), compostos (formados por dois ou mais itens lexicais numa mesma sentença) e correlatos (formados por dois ou mais itens que aparecem em sentenças distintas).

Nos dois estudos em que foram coletadas todas hipotáticas adverbiais – Callou *et alii* (1996) e Rodrigues (1999) –, as relações semânticas de tempo, causa, condição e finalidade se destacam como as mais frequentes. Entretanto, em Rodrigues (1999), chama atenção ainda a frequência das relações de comparação, concessão, conformidade e modo. A Tabela 1 a seguir reúne os resultados dos dois trabalhos:

	Callou <i>et alii</i> (1996)	Rodrigues (1999)
Relação semântica	número de dados	número de dados
tempo	39	88
causalidade	38	55
condicionalidade	29	52
finalidade	24	127
concessividade	10	30
modo	05	22
conformidade	05	30
consequência	04	2
comparação	03	43
proporcionalidade	02	9

**Tabela 2:** Distribuição das cláusulas hipotáticas nos trabalhos de Callou *et alii* (1996) e Rodrigues (1999)

No caso de Rodrigues (1999), além do total geral, há como identificar os conectores mais frequentes em cada cláusula hipotática adverbial. O conector mais frequente nas sentenças que manifestam relação semântica de finalidade foi *para* (112 dados), na de tempo foi *quando* (61 dados), na de causalidade foi *porque* (32 dados), na de condicionalidade foi *se* (42 casos), na de comparação foi o conector correlato *mais ... do que* (10 dados), na de concessividade foram *embora* (9 dados) e *mesmo que* (6 dados), na de conformidade foi *como* (25 dados), na de modo foi *como* (17 dados), na de proporcionalidade foi *enquanto* (6 dados), na de consequência foram *tão...que* e *para* (1 dado de cada). Note-se que *como* ajuda a materializar duas relações semânticas – a de conformidade e a de modo, o que ilustra sua polifuncionalidade. Vale lembrar que a categorização das orações como modais não é consensual nas gramáticas de linha tradicional que seguem a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), o que não se configura um problema para nossa análise, já que partimos do(s) uso(s) efetivamente empregado(s) pelo falante/escritor em quaisquer situações comunicativas/interacionais e das relações circunstanciais que emergem entre as cláusulas.

Em Rodrigues (2001), na língua escrita, foi o conector *como* o mais frequente, com 179 ocorrências (na língua falada foram só 12). O mais frequente na língua falada foi o *do que*, com 28 dados (na língua escrita foram 61). Já em Rodrigues (2013) chamam atenção as ocorrências de *que nem* (89 casos), *feito* (41 casos) e *igual* (15 casos).

Em Rosário (2012), conforme apresentado antes, o conector concessivo mais frequente foi *mesmo*, com 179 ocorrências. Assim como verificado pelo autor, na consulta às gramáticas, Rodrigues (1999) constatou que, normalmente, citam-se como *conjunções* concessivas *embora*, *ainda que*, *conquanto*, *posto que*, *ainda quando*, *posto*, *embora não*, *por mais...que*, *por muito...que*, *por...que*, *se bem que*, *apesar de que*, *mesmo que*, *bem que*, *que*, *nem que*, *por menos que*, ficando de fora exatamente *mesmo*, que em seu *corpus* teve 2 ocorrências num total de 30 (cf. Tabela 1). O conector mais frequente em Rodrigues (1999), no caso das concessivas, foi *embora*, que ocorreu 9 vezes, seguido de *mesmo que*, que apareceu 6, e *mesmo se*, com apenas 1 ocorrência. Fazendo-se uma busca pelos dicionários eletrônicos de *Aurélio*, *Michaelis* e *Houaiss*, verifica-se que apenas este último apresenta a possibilidade de *mesmo* ser empregado como conjunção. Os demais, de forma consensual, apresentam a possibilidade de ele se comportar como adjetivo, pronome demonstrativo e advérbio.

Embora o trabalho tenha se valido de dados numéricos, cumpre lembrar que estes visaram simplesmente à descrição do comportamento dos conectores e, portanto, os dados foram encarados como um instrumento a auxiliar tal descrição.

## Conclusão

Os resultados dos trabalhos por mim revisitados reforçam a necessidade de se repensar a descrição/ensino dos conectores e sua(s) função(ões) no cotexto e contexto, porque não se pode mais admitir a análise de seu comportamento com base em memorização de listas de itens e conteúdos semânticos. É importante reforçar, mais uma vez, que não é o item isoladamente que estabelece tais relações, mas sim da articulação/combinacão das cláusulas é que emergem os conteúdos semânticos, as possíveis inferências entre as cláusulas nos mais diferentes usos – sejam eles os falados/escritos; nas variedades brasileira/europeia do Português; em gêneros; em tipos textuais; em graus de formalidade. Sendo assim, é preciso ir além do nível sentencial; portanto, é imprescindível conjugar sintaxe, semântica e pragmática.

Os estudos apresentados, de um modo geral, buscaram associar estes três níveis e com base neles é possível evidenciar que:

1. a perspectiva aqui proposta prioriza a relação entre as orações mais do que a presença do conector; este, na maioria das vezes, pode indiciar para o usuário a intenção do falante/escrevente, mas não necessariamente estabelece por si só a relação. Tal fato decorre da possibilidade de um mesmo conector poder ser empregado em diferentes situações comunicativas/interacionais com objetivos/funções diferentes – foi o que constatamos com *para*, que prototipicamente é utilizado para manifestar a relação hipotática de finalidade. No entanto, desde o trabalho de Rodrigues (1999), passando pelo de Marques (2008) e chegando ao de Silvestre (2017), verifica-se seu comportamento como introdutor de consecutivas. Portanto, uma inovação de uso para ilustrar o processo de gramaticalização.
2. A fronteira entre conectores distinguidos dicotomicamente entre o âmbito da coordenação e subordinação, como bem adverte Barreto (1999), não se aplica mais. Há que se pensar na gradiência de usos tanto das orações quanto de seus conectores. Tal aspecto pode ser ilustrado com os casos de consecutivas iniciadas por *então* encontrados por Marques (2008). Inclusive, levando em conta a frequência de ocorrências, segundo Taylor (1992), *então* é o mais prototípico e não o *de modo que*, *tamanho... que*, *tão...que*, *tanto...que*.
3. Tudo indica que os falantes/escreventes estão priorizando os usos de conectores mais transparentes do que os opacos. Isso justifica o fato, por exemplo, de *embora*, no âmbito das concessivas, não ter sido tão encontrado nos *corpora*. A ideia de oposição/contraste por ele estabelecida não é tão facilmente recuperável como o é a de dúvida, incerteza, probabilidade do conector *se*, o mais prototípico no caso das condicionais em todos os trabalhos. Assim, *embora* é mais opaco do que o *se*, que é mais transparente.

4. O fato de *quando* ser tão transparente quanto o *se*, por exemplo, não impede que tais conectores sejam usados com funções outras. Assim, *quando* além de poder ajudar no estabelecimento das relações de condição, causa, concessão e proporção, que podemos chamar de casos fronteirços, ou de ambiguidade, ou ainda, híbridos, é prototipicamente temporal.

Assim, eu, como os autores que adotam a proposta funcionalista, admitimos a importância do falante dentro dos contextos linguísticos e concebemos a sintaxe como uma estrutura em constante mutação devido às vicissitudes do discurso. Logo, a sintaxe apresenta a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa forma, para se compreender o fenômeno sintático, é preciso que se estude a língua em uso em seus contextos discursivos específicos, pois, é nesse espaço que a gramática é constituída. Também não se pode desconsiderar que na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático.

## Referências

ABREU, A.S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1994.

BARRETO, T.M.M. Gramaticalização das conjunções na história do português. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado. 2 vol.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J.A.; RODRIGUES, V.V. *et alii*. Preenchimento em fronteiras de constituintes: orações subordinadas. In: CASTILHO, A. de; BASILIO, Margarida (org.). Gramática do Português Falado – Estudos descritivos. Campinas: FAPESP / UNICAMP, 1996, v. IV, p. 169-192.

CAMARA JR., J.M. Dicionário de linguística e gramática. Petrópolis: Vozes, 1985.

CHAFE, W.L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (org.). *The pears stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. New Jersey: Ablex Publishing Co., 1980. p. 9-50.

DAHLET, V. *As (Man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DECAT, M.B.N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M.B.N. *et alii* (org.). *Aspectos da gramática do português*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de unidade informacional. In: *Scripta*, Belo Horizonte, 1999, v.2, n.4, p. 23-38.

FERREIRA, M.B. Cláusulas condicionais: uma abordagem funcional – discursiva. RJ: UFRJ,



Faculdade de Letras, 2007. *mimeo*. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, V.P. *A conjunção subordinativa quando na perspectiva funcional-discursiva*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2008. *mimeo*. Dissertação de Mestrado.

HOPPER, P.& TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 167-203.

MARCHON, A.H. *As teias da argumentação: um estudo sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

MARQUES, E.C.S. *Gramaticalização da noção de consequência nos processos de combinação de cláusulas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

MATEUS, M.H.M.*et alii*. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTHIESSEN, C.& THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.& THOMPSON, S. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

RELVAS, V.P.F. O conector *quando*: uma análise pancrônica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, V.V. O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão. In: BERNARDO, S.P.& CARDOSO, V. de (org.). *Estudos da linguagem: Renovação e síntese*. Anais do VIII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, 1999. p. 761-769.

\_\_\_\_\_. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. A expressão da comparação de igualdade em Português. In: RODRIGUES, V.V. (org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Walt Print, 2013, v. 1, p. 127-146.

SILVA, A.G. *Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Orações modais: uma proposta de análise*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Facul-

dade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007. SILVESTRE, R. de C.P.E. *A polifuncionalidade do conector PARA*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2017.

SILVESTRE, R. de C.P.E. *A polifuncionalidade do conector PARA*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

ROSÁRIO, I. da C. do. *Expressão da concessividade em construções doportuguês do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

TARALLO, F. *et alii*. Rupturas na ordem de adjacência canônica no Português Falado. In: CASTILHO, A. de (org.). *Gramática do Português Falado – A ordem*. Campinas: FAPESP / UNICAMP, 1990, v. I, p. 29-62.

TAYLOR, J.R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

THOMPSON, H.V.G. *Do léxico à gramática: os diferentes usos de tipo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

TOTA, F. de O. *De modificador a conector: um estudo sincrônico de igual*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

TRAUGOTT, E.C. Grammaticalisation and construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. *História do português paulista*. Campinas: IEL; Unicamp, 2009. p. 93-101